CULTURA

"Este filme sobre tráfico humano é todo baseado em casos reais"

Kika Magalhães Famalicense escreve, interpreta e produz o novo thriller "A rapariga no banco de trás", que se estreia hoje

POR
João Antunes
cultura@jn.pt

Sofia, uma portuguesa em Los Angeles, aceita um encontro num bar com um homem que conheceu nas redes sociais. Ele não aparece e Sofia acaba por sair com outro jovem. Mas o que poderia ser uma relação ocasional transforma-se num esquema de tráfico humano de que Sofia é vítima. "A rapariga no banco de trás", que hoje se estreia nos cinemas, é protagonizado, escrito e produzido pela jovem de Famalicão radicada nos EUA.

Kika Magalhães explica ao JN o que a levou a entrar neste desafio, revela que acabou de filmar uma curta-metragem com a filha do cineasta Sam Raimi e que o seu próximo projeto será um filme norte-americano de ficção científica.

DAVID TIAGO / GLOBAL IMAGENS

Como é que uma jovem de Famalicão chega à estreia de um filme americano que interpretou, escreveu e produziu?
Fui para os Estados Unidos há uns dez anos estudar representação. Trabalhei muito como atriz. E este filme nasceu porque durante a pandemia não se passava grande coisa. Fartei-me de esperar que papéis bons viessem ter comigo e então decidi criar para mim própria. Queria fazer um filme sobre algo importante. Foi por isso que escolhi fazer um filme sobre tráfico humano.

Foi preciso algum grau de coragem para partir tão cedo para os Estados Unidos?
Comecei em Nova Iorque e agora estou em Los Angeles. O meu primeiro ano em Nova Iorque foi bastante fácil. Fui para uma escola de teatro. Amei a escola, fiz logo milhões de amigos, tínhamos todos aquela excitação de estar em Nova Iorque. Foi um ano mesmo maravilhoso. Ao sair da escola é que já foi outra história. Não há uma trajetória específica para ser ator. É o salve-se quem puder. Ainda por cima, sendo portuguesa, foi muito difícil conseguir os vistos.

Que tipo de investigação fez para chegar a esta história de uma rede de tráfico humano?
Isto começou em 2016, quando tive a epifania de fazer um filme sobre tráfico humano. Essencialmente, a pesquisa foi feita por mim. Na altura estava um bocado sozinha em LA. Vi muitos documentários sobre tráfico humano, vi muitos vídeos no YouTube, organizei um grupo no Facebook, falei com várias vítimas que foram traficadas, falei com um polícia cujo objetivo era salvar vítimas de tráfico humano.

A história do filme é real?
Cheguei a falar com uma amiga e dizer-lhe que ia fazer o filme, e ela ficou muito emocionada – tinha sido traficada em Los Angeles, esteve numa casa três meses sem poder sair. Uma história horrível. Mas o filme não é a história de uma só pessoa, mas de várias; é uma compilação das muitas que ouvi. Mas é tudo baseado em casos e factos reais.

Que reações obteve nos EUA?
As pessoas gostaram, ficaram emocionadas, foi o que vimos em bastantes festivais. Nos EUA o filme está na Amazon e ainda noutra plataforma de streaming.

E agora estreia em Portugal...
As expectativas estão a ser superadas. A Vendetta, que nos comprou o filme aqui, está a fazer um trabalho espetacular. Inicialmente tinham-me dito que iam tentar uma ou duas salas, mas finalmente vai estrear em várias salas espalhadas pelo país. Estou muito contente.

Manter a personagem como portuguesa foi decisão sua, imagina-se. Não teve problemas com essa escolha?
Como fui eu que escrevi a história, sabia que a personagem ia ser para mim. Ninguém colocou qualquer problema. Achámos todos que traria um elemento interessante ao filme. Em histórias de tráfico humano, o que eles menos querem é americanas. Nos EUA, Portugal é considerado um país exótico. Esse lado foi muito bem recebido.

Há uma cena em que a personagem da Sofia insulta o seu agressor em bom português...
Eu sou do Norte [risos]! Tinha de ser mesmo assim, com os piores insultos possíveis! Nos Estados Unidos traduzimos com legendas, com insultos equivalentes.

Como é que vê a situação do cinema em Portugal?
Estou muito contente com o cinema português, tem crescido bastante. Agora que estou aqui mantenho-me mais a par do que está a acontecer. Há coisas espetaculares – a série "Rabo de Peixe" é claro que é a mais conhecida. No outro dia vi um filme americano filmado no Gerês, os atores principais eram americanos, mas todos os outros eram portugueses. Adoro saber disso.

Há planos para trabalhar cá?
Nunca trabalhei em Portugal, mas quero. Vou apostar em fazer mais conhecimentos aqui. É a altura de começar a investir. Sempre achei que Portugal era um país maravilhoso, com um grande potencial. Tinha sido pouco aproveitado, mas agora pode ter sido um bom começo.

Tem já novos projetos?
Em junho volto para os EUA. Vou fazer um filme de ficção científica, só como atriz. Não tenho de me preocupar com mais nada; só tenho de aparecer e fazer o meu papel, não tenho de arranjar dinheiro, nem de vender o filme. E estou a ajudar um realizador estreante a produzir um filme, a levá-lo para a frente. E fizemos agora uma curta com o Sam Raimi, dirigida pela filha dele. Quero ver se a trago para aqui, para o festival Curtas de Vila do Conde ou para o Motel X.